

O pensamento do Padre Caffarel

9/09/2015

1. Um pensamento encarnado

O Pe. Caffarel é o homem do encontro. É grande a sua inteligência, bem como a sua cultura. Mas sempre reflectiu, pensou a partir dos encontros que marcaram a sua vida. Diz-se muitas vezes que o Pe. Caffarel teve grandes intuições a respeito do matrimónio, que terá reunido casais à sua volta. Não, o que aconteceu foi o contrário. Não foi ele que reuniu os casais; os casais é que foram ter com ele para que ele os ajudasse a seguir o Senhor. Mais tarde, foram as viúvas que procuraram o seu apoio. E de cada vez ele dizia: «*Procuramos juntos*». O Pe. Caffarel pensou, reflectiu em resposta a pedidos concretos, essenciais, sobre essas realidades que acompanham toda a vida humana, essas realidades ainda bem desconhecidas no início do seu ministério de padre.

Vou dizer-vos a mesma coisa de outra maneira. No início de tudo, a sua vocação. «*Foi em Março de 1923. Aos 20 anos Jesus, de repente, tornou-se alguém para mim. Mas não foi nada de espectacular. Mas fiquei a saber que era amado e que amava. A minha relação com Ele seria para toda a vida. Tudo estava jogado*». No princípio o Pe. Caffarel encontra o Senhor. Toda a sua vida está nestas poucas palavras. O que se vai desenvolver ao longo do seu ministério é um imenso desejo de ajudar os outros a encontrar o Senhor, a descobrir quanto, concretamente, são amados por Deus.

Digamos as coisas ainda de outra forma: **ele tem uma inteligência concreta**. Procura compreender humana e espiritualmente as pessoas e as coisas, na sua profundidade. Como dizia alguém, «*ele detectava os sinais do Espírito Santo em todas as pessoas que iam ter com ele*». Uma palavra resume tudo: «**encarnação**». O Pe. Caffarel não procura senão a vontade de Deus na sua realidade, no seu desenvolvimento. É o que é específico do profeta na Bíblia. «*Profeta para o nosso tempo*», foi o título que lhe deu o cardeal Lustiger aquando da missa celebrada a 27 de Setembro na igreja da Madalena em Paris, logo após a sua morte.

2. A espiritualidade conjugal

Encarnação. Esta realidade diz respeito à espiritualidade conjugal. Na verdade, **o amor de Deus, fonte de tudo, encarna no amor humano**. O amor de Deus vem fazer desabrochar, desenvolver, o amor do homem pela mulher e da mulher pelo homem. É assim que eles são «*imagem e semelhança de Deus*». É assim que o Génesis fala do matrimónio (1,27). São Paulo usa uma linguagem complementar, a do dom de si até ao extremo: «*Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela*» (Ef 5,25). No coração do amor, está a Cruz, o dom total de si ao outro. Amar é dar-se totalmente! Exigência do amor. No entanto, o Pe. Caffarel corrige o que poderia ser uma “meia verdade”: «*Amar é dar?*». Diz ele: «*Amar é respirar: inspirar e expirar, dar e receber. O amor asfixia-se quando este ritmo não é respeitado*». Como é preciso tempo para aceitar receber, depender do outro por amor... Deus está no centro desta relação, Ele que é Pai, Filho



IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

e Espírito Santo: dependência de amor. A espiritualidade conjugal encontra aqui a sua fonte. Abre-se então aos outros, aos filhos, ao mundo.

Para chegar a esta maturidade espiritual, é preciso **amar a solidão**: companheira do amor, ela permite que cada um desça em silêncio ao fundo de si mesmo. O Pe. Caffarel observa: *«Não se tem sucesso no amor como nos negócios, pondo a alma entre parênteses. É ao nível do ser interior que se devem realizar a comunicação e a comunhão»*. É aí, nessa solidão e nessa comunhão, que cada casal encontra a sua personalidade específica, única, o seu mistério. E aí o casal abre-se e dá-se ao Senhor, e o Senhor dá-Se ao casal: há *«um pacto, uma aliança, no sentido bíblico da palavra, entre Cristo e o casal»*. E o Pe. Caffarel conclui: *«Assim ligado ao casal, presente ao casal, Cristo aspira a dar graças ao Pai, a interceder com e pelos esposos»* (Carta mensal das ENS, Abril de 1968). Grandeza do sacramento do matrimónio, força da espiritualidade conjugal.

Esta espiritualidade do dom, dar-receber, é entendida e vivida pelo padre, ele cuja espiritualidade é a do amor. A sua divisa poderia ser: *«A felicidade de dar a vida»*. Ele dá a vida de Deus. **Os sacramentos da ordem e do matrimónio são complementares**, estão “ao serviço da comunhão”, ordenam-se à *«salvação de outrem»* (Catecismo da Igreja Católica, 1534). O amor abre ao mundo! Alegria dos conselheiros espirituais nas Equipas de Nossa Senhora.

3. As missões do casal

Esta presença do Senhor no casal gera uma missão para o mundo. O casal é testemunha de Deus para o mundo, eis também a sua responsabilidade. Roma, Maio de 1970. O P. Caffarel diz: *«A primeira maneira de cumprirdes a vossa missão é **vivendo cada vez mais perfeitamente o vosso amor**, que ele desenvolva todas as suas potencialidades, que se manifeste fiel, feliz, fecundo»*. Sim, mas nós somos muito pobres! O Pe. Caffarel acrescenta: *«É forçoso recorrer à graça de Cristo, salvador do casal. Por isso, o vosso casal torna-se testemunha do Deus salvador e já não apenas do Deus criador. O vosso casal dará testemunho de Deus de maneira ainda mais explícita se for a união de dois buscadores de Deus, segundo a admirável expressão dos salmos»* (Face à l'athéisme, p. 145). O testemunho dos casais. Uma recordação pessoal. Um dia, no boulevard Saint-Germain em Paris, vi vir na minha direcção um casal amigo, casado há mais de trinta anos. Avançavam os dois alegres, de mão dada. Não me viram. Fiquei encantado: ao ver o seu amor, disse para mim próprio: *«Deus está a passar!»*. Sim, onde há amor e caridade, Deus está presente. Não ousei manifestar-me. O Pe. Caffarel diz: *«Gostaria de vos comunicar a minha convicção de que **um casal “buscador de Deus”, num mundo que já não acredita em Deus, que já não acredita no amor, é uma “teofania”, uma manifestação de Deus, como foi para Moisés a sarça do deserto que ardia e não se consumia»*** (Face à l'athéisme, p. 147).

Há ainda um poderoso meio de apostolado, querido do Pe. Caffarel, e profundamente ancorado na vida dos equipistas: **os deveres da hospitalidade**. Escutemos o Papa Paulo VI dirigindo-se aos equipistas (4 de Maio de 1970): *«No nosso tempo, tão duro para tantos, que graça ser acolhido “nesta pequena Igreja”, segundo a palavra de São João Crisóstomo, entrar na sua ternura, descobrir*



a sua maternidade, experimentar a sua misericórdia, tanto mais que um lar cristão é “o rosto sorridente e doce da Igreja”. É um apostolado insubstituível que os incumbe realizar generosamente, um apostolado do casal para o qual a formação dos noivos, o auxílio aos casais jovens, o amparo aos lares em aflição, constituem domínios privilegiados».

4. A oração interior

Não seria justo, ao apresentar o pensamento do Pe. Caffarel, não falar da espiritualidade conjugal. Para o Pe. Caffarel, o Senhor está no centro de tudo. O Pe. Caffarel mostra o caminho da oração. A partir de 1966, centenas de pessoas (leigos, religiosos, religiosas, padres, bispos) vieram à Casa de oração de Troussures, a sessenta quilómetros a norte de Paris, para aprender com ele a fazer oração. Aprender, progressivamente, a fazer silêncio, aprender a descer **«ao mais fundo do coração»**, aprender a viver com o Senhor na solidão do amor de Deus por nós. Aprender a dar importância aos nosso corpo e à nossa respiração. Aprender a oferecer-se totalmente a Deus para que Ele venha fazer em nós a sua morada. Aprender a paz.

Hoje, ao lermos os seus escritos sobre a espiritualidade conjugal, certamente, mas também sobre a oração, somos sempre postos na presença de Deus, **ele introduz-nos no mistério de amor de Deus**. Sim, lemos os seus escritos, e uma doçura, uma exigência, um impulso de amor para com Deus vêm invadir-nos. A visão das nossas faltas não nos esmaga, porque em nós surge uma esperança. Em Troussures, o Pe. Caffarel dava um texto a ler: *«Ama-Me tal como és. Quero o amor do teu coração indigente; se, para Me amares, esperas ser perfeito, nunca Me amarás».*

Numa entrevista à Rádio Canadá, o Pe. Caffarel deu uma definição de oração: **«A oração é essa relação pessoal com Jesus Cristo, e Jesus Cristo introduz-me nessa relação pessoal com o Pai; e o Espírito Santo é o grande obreiro de toda essa actividade»**. Mais adiante, conclui: *«É uma grande verdade que se deve dizer e repetir: os homens têm fome e sede. Têm necessidade de descobrir que são amados porque esse amor descobre neles algo de admirável. Não ouvem muitas vezes dizer que não há neles nada de amável? Nem eles se amam a si próprios; essa é a grande descoberta».*

Conclusão

Na Igreja, chama-se «carisma» a um dom que Deus dá a uma pessoa, dom que encarna em uma ou várias instituições, para o bem de todos. **O carisma que o Pe. Caffarel recebeu é o da espiritualidade conjugal**: tomou corpo nas *Equipas de Nossa Senhora* ao serviço **do sacramento do matrimónio**, na *Fraternidade Nossa Senhora da Ressurreição* para **a viuvez** – as viúvas fazem o voto de não voltarem a casar-se e oferecem a sua viuvez pela salvação dos casais – e, por último, nos *Intercessores* – estes velam na **oração pelos casais**. No centro de tudo, a oração, a oração interior: Deus é amor!

Dêmos graças a Deus!

Pe. Paul-Dominique Marcovits, o.p.